



Fotojornalismo: os ataques do PCC
nas páginas da *Folha* e do *Estadão*

Fernanda Rodrigues Campos
Paulo César Boni

Fotojornalismo: os ataques do PCC nas páginas da *Folha* e do *Estadão* *

Photojournalism: the assaults of PCC in the pages of *Folha* and the *Estadão*

Fernanda Rodrigues Campos**

Paulo César Boni***

Resumo: *Esse artigo aborda a cobertura fotojornalística realizada pela Folha de S.Paulo e pelo O Estado de S. Paulo durante os ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC) em maio de 2006. Os métodos utilizados foram o da desconstrução técnica – para análise dos elementos da linguagem fotográfica na construção da mensagem – e análise comparativa – para aferir a geração de sentido nas mensagens. Por esses procedimentos metodológicos, conclui que Folha assumiu um caráter mais sensacionalista, com espetacularização das imagens que o Estadão, que adotou uma postura mais neutra e realista diante dos fatos.*

Palavras-chave: *fotojornalismo; geração de sentido; Folha de S.Paulo; O Estado de S. Paulo*

Abstract: *This article addresses the photojournalistic coverage carried out by Folha de S.Paulo and O Estado de S. Paulo during the assaults of the First Command in the Capital (PCC) in May 2006. The methods used here were those of technical deconstruction - to analyze the elements of photographic language in the construction of the message - and comparative analysis - to check the creation of meaning in those messages. Through these methodological procedures, it is inferred that Folha adopted a more sensationalistic feature with spectacularization of those images than Estadão, which adopted a more neutral and realistic posture in the view of the facts.*

Key-words: *photojournalism; construction of message; Folha de S.Paulo; O Estado de S. Paulo.*

*Trabalho apresentado no I Encontro Nacional de Estudos da Imagem, realizado em Londrina (PR), de 14 a 16 de maio de 2007.

**Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela FEMA – Fundação Educacional do Município de Assis. Especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina.

*** Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Coordenador do Curso de Especialização em Fotografia da Universidade Estadual de Londrina.

Introdução

A fotografia é uma manifestação de linguagem. E por ser uma mensagem de códigos abertos e contínuos, permite múltiplas leituras. O repertório pessoal, as experiências de vida e os paradigmas de cada leitor influenciarão a leitura e, naturalmente, provocarão diferentes resultados. Porém, os veículos de comunicação impressos podem direcionar essa leitura por meio de elementos de significação – presentes no cenário registrado – ou pela intencionalidade de comunicação do repórter fotográfico, do editor de fotografia, ou mesmo de sua linha editorial. Segundo Boni (2000, p.24) “elementos de significação são atributos que, atrelados de alguma forma ao significante, auxiliam – ou mesmo induzem – o leitor a se aproximar do significado pretendido por quem produziu a mensagem”.

Como mídia comunicacional, a fotografia constrói um significado e pode gerar sentido na mensagem. Isso normalmente ocorre quando o veículo utiliza artifícios para publicar fotografias interpretáveis de acordo com sua ideologia, pois, além de transmitir uma mensagem, a fotografia desfruta de certa carga de credibilidade. Primeiro porque para produzi-la o fotógrafo necessariamente teve que estar no local do fato. Segundo porque, no fotojornalismo, o que o veículo publica ainda é adotado como verdade pela maioria de seu público.

Considerando a possibilidade da geração de sentido, esse trabalho se propõe a fazer uma análise comparativa da cobertura fotojornalística realizada pelos jornais *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S. Paulo* sobre os ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC), ocorridos no estado de São Paulo no mês de maio de 2006. A escolha desses veículos se justifica pelo fato de que ambos são jornais de circulação nacional, com destaque em notícias locais, e por sua credibilidade perante a opinião pública.

O método utilizado foi o da desconstrução analítica, ou seja, buscou-se identificar os recursos técnicos e os elementos da linguagem fotográfica

utilizados na captura da imagem para, a partir da análise conceitual das partes, buscar se aproximar da intencionalidade de comunicação da mensagem produzida pelo repórter fotográfico ou pelo editor de fotografia do veículo.

O enfoque foi dado nas imagens publicadas durante a primeira semana dos ataques, de 14 a 21 de maio de 2006. Num primeiro momento, foram selecionadas 60 imagens dos dois jornais. Do *O Estado de S. Paulo* foram selecionadas imagens de capa e do caderno *Cidades*; da *Folha de S. Paulo*, imagens de capa e do caderno *Cotidiano*. Essas 60 imagens foram submetidas a um segundo processo de seleção, pelo ex-editor de fotografia da revista *Veja*, Sérgio Sade¹, que reduziu o número de imagens a ser analisado nesse trabalho para dez. Para tanto, Sade selecionou de cada jornal

[...] um conjunto de fotos que apresentassem um panorama completo do fato, mostrando cenas gerais do conflito, os locais, os autores, as vítimas e as conseqüências, priorizando sempre a informação, mas considerando também o aspecto estético das imagens.²

Dentre as fotografias selecionadas por Sade estão cinco do *Estadão*, todas do caderno *Cidades*, e cinco da *Folha*, três de capa e duas do caderno *Cotidiano*. A escolha de imagens de capa e de cadernos internos justifica-se pela magnitude das fotografias e por sua carga de informação, independente da editoria em que tenham sido publicadas. Na semana delimitada para a análise, essas imagens ganharam destaque nos dois jornais, pois retratavam o assunto mais palpitante no momento: as ações

¹Sérgio Luiz Sade foi o primeiro fotógrafo formado em jornalismo a trabalhar como repórter fotográfico em um jornal do Paraná. Iniciou a carreira em 1967 no jornal *O Estado do Paraná*. Em 1969 passou a fotografar, no Paraná, para a recém fundada revista *Veja*. Em 1974 mudou-se para São Paulo para trabalhar exclusivamente na *Veja* e, em 1977, criou a editoria de fotografia da revista. Atualmente, de volta a Curitiba, montou um estúdio fotográfico, trabalha com publicidade e ministra aulas de fotografia, fotojornalismo e fotografia publicitária.

²Sérgio Sade. Entrevista concedida a Fernanda Campos e Paulo Boni em 22 de novembro de 2006.

concentradas de terrorismo urbano na capital e em outras cidades do interior de São Paulo, bem como as ações da polícia e a indignação da população que, pelos depoimentos prestados a ambos os jornais, disse se sentir ameaçada e ter a nítida sensação de estar sob o comando de uma facção criminosa, e não mais de seus governantes. Para complementar as informações foram entrevistados também os editores de fotografia Toni Pires³, da *Folha de S. Paulo*, e Juca Varella⁴, de *O Estado de S. Paulo*.

O processo de desconstrução e a geração de sentido

Segundo Boni, o processo de desconstrução é o método de análise mais recomendável para o leitor descobrir a intencionalidade de comunicação explícita – e às vezes, implícita – numa fotografia.

[...] Nele, decompõem-se o todo em partes e se procura, através da análise do uso de determinado recurso técnico ou de elementos constitutivos da linguagem fotográfica, gerar indícios de qual seria a intencionalidade de comunicação do repórter fotográfico no ato fotográfico. (BONI, 2000, p.290).

A intencionalidade de comunicação é matéria-prima para a geração de sentido – processo indutivo de leitura, utilizado de forma subliminar pelos veículos impressos, por meio de recursos gráficos, textuais e

³Toni Pires é jornalista e editor de fotografia da *Folha de S. Paulo* desde 2004. Seu primeiro trabalho como repórter-fotográfico foi um *free-lancer* para a *Folha* em Bauru. Fotografou para diversos jornais e revistas, como o *Diário Popular* (hoje *Diário de S. Paulo*), *Isto É* e *Veja*. Coordenou e editou a cobertura da Copa do Mundo de 1998 e as Olimpíadas em 2000. Tem trabalhos publicados na mídia estrangeira e expostos na França e na Alemanha.

⁴Juca Varella é repórter-fotográfico e subeditor de fotografia do jornal *O Estado de S. Paulo*, onde também é coordenador do projeto *Foto Repórter*. Foi o único profissional brasileiro no Iraque quando do início dos bombardeios à capital (Bagdá) em 2003. No mesmo ano publicou, em parceria com Sérgio D'Ávila, o livro *Diário de Bagdá: a guerra do Iraque segundo os bombardeados*.

imagéticos. É a partir da geração de sentido que a leitura de uma imagem pode ser mais complexa e instigante e provocar reflexões e reações.

Toda imagem tem que “comunicar”, ou seja, significar algo para alguém; caso contrário, não será eficiente. Uma fotografia, em primeira instância, é a concretização do significado de quem a produziu. Ela é uma interpretação do cenário pelo fotógrafo, construída a partir de seu repertório pessoal. A imagem, como um “constructo social e cultural”, pode gerar – ou não – o mesmo sentido para várias pessoas, tendo elas passado – ou não – pela mesma experiência do fotógrafo.

Ao olhar uma fotografia de Sebastião Salgado, que denuncia a fome na África, pessoas que nunca estiveram na África e que nunca passaram fome poderão reconhecer a imagem como um símbolo da fome. Pessoas que conheceram o continente africano ou que conviveram com a situação de fome também poderão reconhecê-la na fotografia. A interpretação pode ser diferente em cada caso, mas a geração de sentido foi igual. Por isso a imagem é eficiente e comunica.

Roland Barthes diz que na fotografia sempre há algo que é representado, um detalhe que intensifica o interesse, que seqüestra e prende a atenção do leitor, exerce fascínio e desperta a necessidade de obter mais informação sobre o que está sendo visto. Para Barthes (1984, p.89), esse componente é o *punctum*, “um suplemento que o leitor acrescenta à foto e que, todavia já está nela, uma espécie de extracampo sutil, como se a imagem lançasse para além daquilo que ela dá a ver”.

Joly (1996, p.41) afirma que para analisar a imagem, percepção e interpretação são procedimentos imprescindíveis, mas se caracterizam como dois passos distintos: no primeiro, tem-se o reconhecimento de elementos, percebe-se o conteúdo; no segundo, o leitor decifra o que aquela imagem representa para ele.

Na mesma linha de raciocínio, Ivan Lima (1988, p.22 *apud* ACORSI; BONI, 2006, p.129) afirma que a leitura de uma imagem ocorre em três fases: percepção – exclusivamente ótica, nela o leitor

percebe alguns elementos pelo olhar; identificação – ótica e mental, porque o leitor vê a imagem e reconhece os elementos da fotografia; e, por fim, interpretação – inteiramente mental e individual, pois o leitor interpreta a imagem de acordo com o seu referencial. É uma análise individual, idiossincrática.

Os veículos de comunicação sabem da polissemia da imagem e da interpretação idiossincrática de seus leitores e se valem da geração de sentido para explorar determinados fatos, sutilmente, isentando-se de assumir posturas, pública e explicitamente. Mas, nas entrelinhas, com os recursos da diagramação, dos títulos, das manchetes e, principalmente, das imagens, os veículos de comunicação deixam transparecer sua opinião de forma implícita, velada, não declarada. São recursos normalmente utilizados para a geração de sentido, que se dá a partir da

associação entre imagens que, em princípio, não guardariam nenhuma relação entre si, ou que fazem parte de um mesmo contexto mas se realizam em espaços diferentes, de modo que o contexto é recriado quando tais imagens são aproximadas no espaço do jornal. O que só vem confirmar a tese de que o sentido se produz na interpretação, que é inseparável da ideologia. (MORETZSOHN, 2002, p.95).

Nesta perspectiva, a de gerar sentido, a relação entre diagramação, textos e imagens é fundamental para atingir o objetivo do veículo. Para tanto, na mesma perspectiva e sob o ponto de vista dos veículos, justifica-se a diagramação bem planejada, com reportagens e fotografias que induzam a interpretação e análise do leitor.

A proposta deste artigo é analisar as imagens previamente selecionadas dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* para procurar identificar a intencionalidade de comunicação de ambos os jornais, de que forma e com que intensidade lançaram mão da linguagem fotográfica e dos elementos de significação para gerar sentido na cobertura dos ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC), em maio de 2006, na capital e no interior do estado de São Paulo.

Análise das imagens da *Folha* e do *Estadão*

A fim de atrair a atenção do leitor, cada vez mais os editores lançam mão de recursos como manchetes, planejamento gráfico e fotografias. Com isso, a cada dia o leitor é surpreendido mais pelos apelos inovadores do visual que propriamente pelo conteúdo das reportagens. Segundo Boltanski (*apud* MORETZSOHN, 2002, p.86): “Quem fabrica o jornal antecipa a leitura que o público fará: disseca a fotografia a fim de privilegiar uma significação.”

Para Persichetti (2006, p.181), jornalista especializada em crítica fotográfica, “a responsabilidade da informação foi esquecida e cada vez mais estamos entregues às imagens sensacionalistas ou espetaculares”. Ela ainda atribui tal fato “à falta de interesse de editores e fotógrafos em sair do convencional, do fotografável, do ‘*óbvio eficiente*’, como gosta de lembrar o fotógrafo Hélio Campos Mello” (grifo da autora). (PERSICHETTI, 2006, p.182).

Os recursos gráficos e imagéticos usados para atrair a atenção do leitor podem ser vistos na primeira página da *Folha de S.Paulo* do dia 15 de maio de 2006, no qual foram estampadas duas imagens. Na dobra superior, a fotografia em plano médio de Fernando Donasci, da *Folha Imagem* (figura 1), mostra um ônibus em chamas. Trata-se de um registro factual, que confirma e comprova o terrorismo urbano na capital paulista. Na dobra inferior, uma fotografia em plano fechado, tomada por Luiz Carlos Murauskas, também da *Folha Imagem* (figura 1), destaca uma senhora debruçada sobre um caixão funerário, chorando. Pela bandeira do estado de São Paulo sobre o caixão, deduz-se tratar-se da mãe de um policial morto em serviço. Essa imagem pode gerar no leitor a sensação de pena, indignação e revolta. A mulher é, nesse instante, a representação de todos que perderam pessoas queridas nas ações criminosas do PCC, sejam elas policiais, civis ou mesmo bandidos, pois também esses têm pais, esposa, filhos e parentes que choram sua morte.



Figura 1 - Capa da Folha de S. Paulo - 15/05/2006
 Fotos: Fernando Donasci (ônibus incendiado)
 e Luiz Carlos Marauskas (mulher chorando)

Como a primeira página é a vitrine do jornal, ela é planejada para atrair a atenção do leitor que irá consumir o produto. Também é utilizada para, explícita ou implicitamente, expor sua ideologia. Quando se trata de jornais que se proclamam isentos, apolíticos e apartidários, como é o caso da *Folha* e do *Estadão*, a exposição é implícita. Eles abordam, sim, os fatos mais relevantes e em evidência do momento, mas manifestam seu pensar de forma discreta, pela geração de sentido, sem escancarar sua opinião, principalmente a contrária.

Tudo é produzido de forma muito sutil, como na primeira página da *Folha* do dia 19 de maio de 2006 (figura 2), na qual a manchete “PM diz que não matou inocentes” se confronta com a imagem produzida por Diego Padgurschi, da *Folha Imagem*, que, tomada de um ângulo estratégico, mostra um policial aparentemente apontando a arma para a cabeça de uma criança, com chupeta na boca e no colo de um homem, provavelmente seu pai. Em razão do ângulo de tomada, principalmente, a imagem ganha ares de sensacionalismo. Com esse procedimento – o de reproduzir “entre aspas” a fala da PM na manchete, e estampar uma fotografia que praticamente mostra o contrário do que ela fala – o jornal juridicamente se isenta da responsabilidade de assumir a postura de estar “desmentindo”, contrariando ou acusando a Polícia Militar de matar inocentes. A imagem, nesse caso, por si só pode induzir o leitor a pensar o contrário do que a manchete anuncia. E talvez seja exatamente este o pensamento do jornal. Segundo Moretzsohn (2002, p.81) “trata-se de *dizer através do outro* (grifo da autora) o que o jornal não pode assumir, sob pena de perder seu lugar de autoridade”.



Figura 2 - Capa da Folha de S. Paulo - 19/05/2006

Foto: Diego Padgurschi

Acorsi e Boni (2006, p.135-136) lembram que a *Folha de S.Paulo* pode até não concordar com a postura adotada pela Polícia Militar durante os ataques, mas está “cumprindo seu papel social de informar e não distorcer as falas dos entrevistados, e manifestando, por imagens, sua contrariedade ou seu modo diferente de pensar. Isso é gerar sentido”. A legenda, visualmente muito menos impactante que a imagem, dá pistas de que o jornal buscou gerar sentido com a publicação da fotografia: “Em meio a moradores da favela Jardim Elba, policial dá cobertura a colegas durante ação que envolveu 400 homens.”

O *ombudsman* Marcelo Beraba, em sua coluna do dia 21 de maio de 2006, na página A6, intitulada “A guerra em São Paulo”, afirma que a “cobertura da *Folha* sobre os ataques do PCC teve vários pontos positivos, mas não deu a atenção necessária à tragédia dos policiais assassinados”.

Outra forma de gerar sentido ao leitor é o fotógrafo buscar, dentre tantas opções de registro, um cenário que privilegie elementos de significação que traduzam o que o fotógrafo quis dizer ao escolher determinado recorte da realidade. Ele “se esforça” na construção de sua mensagem; tenta fazer com que o leitor enxergue, na fotografia, o mesmo que ele viu *in loco*. Na primeira página do caderno *Cidades do Estadão*, do dia 21 de maio de 2006 – edição especial sobre os ataques do PCC – a imagem (figura 3) do repórter-fotográfico Sebastião Moreira, da *Agência Estado*, “naturaliza” a representação, uma vez que apresenta traços da realidade como imagens figurativas.

A fotografia, tomada em plano fechado, com explícita valorização do primeiro plano, ocupa, da esquerda à direita, toda a dobra superior e parte da dobra inferior da capa do caderno. A imagem lembra características das histórias em quadrinhos. O enquadramento rompe a composição tradicional do jornalismo: é uma tomada em ângulo diagonal, normalmente desprezada nos jornais pela dificuldade de diagramação. Mas, nesse caso, dada a criatividade da tomada e a força de representação simbólica da fotografia, provavelmente, o editor não teve dúvidas em publicá-la. Ela não é o simples registro de uma cena cotidiana. É a representação do medo, do pânico, do terror que os paulistas e paulistanos passaram durante a onda de ataques do PCC, que durou praticamente um mês.

A geração de sentido pode ser percebida por elementos de significação como a mancha vermelha, em primeiro plano, que mostra o sangue e representa que alguém foi ferido ou morto naquele local, que pode ser identificado como um bar. Alguns elementos significantes da imagem conotam tratar-se de um bar: uma mesa de sinuca, cadeira, um galão de água no chão e, principalmente, cartazes de marcas de cerveja colados na parede. A formação sociocultural do brasileiro permite a imediata associação dos significantes e transforma a conotação da imagem em denotação na identificação do local.



Figura 3 - Capa do caderno Cidades de
O Estado de S. Paulo - 21/05/2006
Foto: Sebastião Moreira

O enquadramento feito pelo fotógrafo, destacando indícios da ação em primeiro plano e seus espectadores em segundo, permite a identificação de alguns personagens presentes no local. Mas a diagramação foi enfática ao destacar a ação e cortar suas cabeças – usando como recurso uma tarja branca para identificação do caderno: *Cidades*. Com essa estratégia, além de “proteger” os personagens com o anonimato, permite que cada leitor coloque-se naquela posição, pois o medo atingiu toda a população, sem distinção de raça ou classe social. A mulher apoiada na mesa com o rosto coberto pela mão pode ser a representação da dor pelo ferimento ou perda de alguém e da indignação pelo caos que tomou conta do estado de São Paulo no período dos ataques. A fotografia é eficiente porque comunica, instiga o leitor a refletir além do que lhe é mostrado; permite que faça interpretações e assuma posturas.

No mesmo contexto, a *Folha de S. Paulo* também estampou o medo, o terror das pessoas diante dos ataques, por meio de símbolos e elementos de significação que estimulam o leitor a interpretar a imagem. Na fotografia que o jornal publicou (figura 4) aparece, em primeiro plano, à direita, a imagem de um rosto grafitado no muro, com a boca aberta e expressão conotada de dor e pânico. No segundo plano, à esquerda, aparece uma viatura da Polícia Militar em movimento e, quase no centro do cenário, um poste de energia elétrica, onde se vê uma placa de sinalização. A fotografia, principalmente pela presença do rosto em pânico, apesar de grafitado, pode ser considerada a representação do grito, do desabafo da população diante dos atentados, pois ela se sente refém da violência e de ações promovidas por facções como o PCC.

Para Fred Ritchin, com o uso da linguagem fotográfica,

o fotógrafo é capaz de fazer o visualmente insignificante parecer interessante e transformar o apenas interessante em sensacional. Essa capacidade de transformação que o fotógrafo exerce sobre a realidade está relacionada a duas circunstâncias. Primeiro, à construção de seu significado diante da realidade que presenciou. Segundo, à intencionalidade de traduzir esse significado para o leitor. (RITCHIN *apud* BONI, 2000, p.264).



Figura 4 - Caderno Cotidiano, p.C3 da Folha de S.Paulo - 20/05/2006
Foto: André Porto

O rosto grafitado tem o olhar na direção da placa de sinalização e do carro da polícia, como se indicasse que o perigo vem daquela direção, e que se espera uma reação competente da polícia para atenuar ou, de preferência, acabar com a onda de ataques. A manchete sobre a fotografia diz “PMs só receberam alerta geral após ataques” e a legenda: “Carro da PM faz patrulhamento na Vila Olímpia (zona oeste de SP), na primeira madrugada sem incidentes ligados à onda de ataques”. Nesse caso, texto e imagem possuem linguagem própria – que se complementam – e podem gerar sentido, de acordo com a intencionalidade do veículo. Contudo, é preciso destacar que a imagem – tomada por André Porto, da *Folha Imagem* e publicada no dia 20 de maio na página 3 do caderno *Cotidiano* – é simbolicamente forte e a diagramação a valorizou sobremaneira, pois, de tão aberta, ocupa mais espaço que o texto e chama a atenção do leitor.

Em meio às imagens mais criativas – aquelas que estimulam o leitor a um processo de imersão, no qual aprofundem a análise e busquem a magnitude de seu significado – e menos criativas – aquelas que simplesmente

registram o fato, sem grandes apelos estéticos ou simbólicos – dos ataques, os dois jornais tiveram também a preocupação de mostrar o outro lado: a situação dentro dos presídios, o comportamento dos detentos e ações de represálias que eles sofreram.

Nesse contraponto, um bom exemplo é a imagem publicada na página 4 do caderno *Cidades*, do *Estadão*, dia 15 de maio (figura 5). O repórter-fotográfico Sebastião Moreira, da *Agência Estado*, registrou, em plano geral, a movimentação dos detentos no pátio de um dos presídios que aderiram à rebelião. Na imagem, vê-se claramente o pedido de “paz” em letras garrafaís que eles fizeram, usando lençóis enrolados. A legenda informa: “FRUSTRAÇÃO – Presos rebelados caminham no pátio do CDP de Guarulhos e usam lençóis para fazer apelos; as mães que foram visitá-los levaram de volta os alimentos da festa”.



Figura 5 - Caderno Cidades, p.C4
de O Estado de S. Paulo - 15/05/2006
Foto: Sebastião Moreira

Com esse enquadramento, e em razão do plano aberto e do ângulo de mergulho (a fotografia foi tomada de cima para baixo, provavelmente de um helicóptero), não é possível identificar os personagens (os detentos) que fazem parte da facção. A imagem é uma espécie de panorama da “maior rebelião da história”, como destaca a manchete. Ela conota que nem todos os detentos aprovavam as ações do PCC, pois a frase formada no chão clamando por paz, justiça e liberdade, induz o leitor a pensar que eles não tiveram culpa pelos atentados e que o desejo da maioria era o de comemorar o Dia das Mães com a visita de seus familiares. Manifestando-se “literalmente” contrários às ações do PCC e, por força das circunstâncias, impedidos de receberem visitas, é evidente que esses detentos estivessem também sofrendo com tal situação. Além disso, nessa reportagem, a imagem ocupa mais espaço que o texto. Por seu conteúdo imagético e pelo destaque atribuído pela diagramação, é possível imaginar que ela tenha sido usada para gerar sentido. É provável que o jornal, destacando-a, quisesse dizer a seus leitores que a responsabilidade pelos ataques é de uma minoria dos detentos e que a maioria queria paz, mas sugeria que essa perigosa minoria recebe outro tipo de tratamento, como a transferência e isolamento em presídios de segurança máxima.

No dia 18 de maio, tanto a *Folha* quanto o *Estadão* publicaram fotografias de presos. Olhando a imagem publicada pelo *Estadão* (figura 6), tudo levava o leitor a crer tratar-se de presos, pois durante a semana os jornais e as emissoras de televisão divulgaram imagens dos presos com uniformes do sistema penitenciário, os rostos cobertos por camisetas ou panos brancos (provavelmente pedaços de lençóis) e aglomerados em grupos, quase sempre em cima dos muros dos presídios. Mas para a surpresa do leitor a legenda informava “LINHA-DURA – Rebelião ocorrida em junho de 2005 em Presidente Venceslau, no interior; ministro criticou aprovação de leis ‘do pânico’”.

Utilizar a fotografia tomada por Alex Silva, da *Agência Estado*, há mais de um ano, pode ter sido uma tentativa de o jornal “refrescar” a



Figura 6 - Caderno Cidades, p.C4
de O Estado de S. Paulo - 18/05/2006
Foto: Alex Silva

memória do leitor, de mostrar-lhe que rebeliões em presídios acontecem com frequência no estado de São Paulo, desatrelando-as do período dos ataques. A imagem, tomada em plano fechado, mostra uma aglomeração de 10 presos, a maioria em pé, nove deles encapuzados e alguns com olhares de desconfiança ou ameaça. Nesse caso, provavelmente, o jornal tenha usado a fotografia não só para mostrar “o lado” dos presos, mas também para atribuir-lhe a função de alertar o espectador. Em outras palavras, parece que o jornal não gosta muito de presídios...

A fotografia estampada na capa da *Folha de S. Paulo* (figura 7), no mesmo dia, traz presos de costas com as mãos na cabeça e a seguinte legenda: “Presos de cadeia de Franca aguardam término de operação de busca de celulares nas celas”. Com as informações do texto de que,

durante a semana, foi descoberto que as ordens para os ataques da facção partiram de dentro dos presídios, fotografia e legenda se complementaram e, claro, demonstraram a ação da polícia procurando e apreendendo os celulares nos presídios paulistas. Mas a imagem pode conotar outras idéias. Ela pode representar a represália da polícia e a submissão e vulnerabilidade dos presos, ao mostrar-lhes todos de costas, sem camisa, com a cabeça abaixada e mãos na cabeça. Ao contrário do *Estadão*, que sugeriu por uma imagem que os ataques são de responsabilidade de uma minoria, a *Folha* trata todos como iguais, usa uma parcela para representar o todo. A imagem é do repórter-fotográfico Divaldo Moreira, do jornal *Comércio de Franca*.



Figura 7 - Capa da Folha de S.Paulo - 18/05/2006
Foto: Divaldo Moreira

Talvez, depois da repercussão midiática mundial do atentado de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, os ataques promovidos pelo Primeiro Comando da Capital tenham recebido o maior espaço e permanecido por mais tempo na mídia brasileira. Por sua magnitude e repercussão, estes eventos foram exaustivamente abordados pela imprensa. Na semana de 14 a 21 de maio de 2006, as ações do PCC dominaram o noticiário nacional e ganharam repercussão internacional. Os veículos de comunicação em geral, e os jornais em particular, mobilizaram-se para informar mais e melhor seus espectadores / leitores.

A *Folha de S.Paulo*, por exemplo, no dia 16 de maio, editou de forma especial o caderno *Cotidiano*. Nas páginas 10 e 11, traçou um panorama imagético (figura 8) do dia anterior (15 de maio), data em que a onda de ataques foi mais intensa e violenta fazendo, inclusive, a maior cidade do país “parar”.



Figura 8 - Caderno Cotidiano, p.C10 e C11
da Folha de S.Paulo - 16/05/2006
Fotos: Repórteres fotográficos da Folha Imagem

No espelho do caderno, com a manchete “O dia em que SP parou”, têm-se imagens de terminais urbanos e ruas vazias contrapondo com congestionamentos e metrô lotados. As imagens foram tomadas em planos abertos, que privilegiam o ambiente em detrimento do sujeito. A intenção do jornal, aparentemente, era mostrar o isolamento dos ambientes desérticos, uma vez que muitas pessoas, com temor, não saíram de suas casas e outras, na tentativa de se proteger, procuravam voltar o mais rapidamente para a sua moradia. A edição pode ter sido planejada apenas para informar, para mostrar a evolução dos acontecimentos de um dia para o outro, para gerar sentido, ou simplesmente para agradar o leitor. Esse procedimento – o uso acentuado de imagens e infográficos – confirma a relevância dos fatos e a importância da presença de fotografias para dar credibilidade às ações.

O *Estado* deu o mesmo destaque aos ataques. Em 16 de maio, editou uma fotografia aberta na primeira página do caderno *Cidades*. A imagem (figura 9) mostrou um ônibus queimado – imagens de ônibus incendiados praticamente se tornaram um símbolo das ações do PCC – com a manchete “Dia de terror em SP”. Nesta capa, o jornal também destacou uma sinopse com informações das ações ocorridas no dia anterior. No interior do caderno, publicou fotografias que retratavam o estado “desértico” de algumas regiões da cidade. Numa delas (figura 10), pessoas caminhavam, despreocupadas com o tráfego, no meio da Avenida Adolfo Pinheiro, em Santo Amaro.

A imagem publicada na página C16 (figura 10), que mostra uma das ruas mais movimentadas de São Paulo, praticamente deserta, indicia que as ações foram violentas, chocantes, assustadoras. O fato de haver conseguido “parar” a maior metrópole do país também é um indicativo de que essas ações tenham sido planejadas e não simplesmente improvisadas. Além de registrar um fato real, a imagem indicia a força, o poder e a organização de uma determinada facção criminosa, que conseguiu espantar a população, alarmar as autoridades e dominar a capital paulista, mesmo que por um dia.



Figura 9 - Capa do caderno Cidades de O Estado de S. Paulo - 16/05/2006
Foto: Filipe Araújo



Figura 10 - Caderno Cidades, p.C16 de O Estado de S. Paulo - 16/05/2006
Foto: Vidal Cavalcante

Análise comparativa

Pela análise das imagens, percebe-se que tanto a *Folha de S. Paulo* quanto *O Estado de S. Paulo* cumpriram o seu papel de informar o leitor. Ambos apresentaram um amplo panorama editorial e imagético dos ataques e buscaram, nas imagens, mostrar praticamente todos os sujeitos envolvidos nas ações: policiais, detentos, parentes das vítimas e populares, além de espaços físicos, ruas, ônibus incendiados, presídios, metrô. A cobertura fotográfica e a edição de imagens espelharam a linha editorial de cada veículo e procederam de acordo com as orientações e critérios de seus respectivos manuais de redação.

Toni Pires, editor de fotografia da *Folha de S. Paulo*, afirma que, na cobertura dos ataques do PCC, “o Manual foi sim observado; a busca pela melhor imagem, obedecendo à ética, às regras impostas pela sociedade e pelas leis foram seguidas”. Ele ressalta que a experiência profissional do repórter-fotográfico e do editor de fotografias ajuda muito na execução da pauta, na condução da reportagem e na edição.

Tanto um como outro profissional se baseiam não só no Manual do jornal que trabalha, mas acima de tudo no conceito de “bom jornalismo” que é a busca pelo apartidarismo, a busca em ouvir os diversos lados envolvidos, não fazer pré julgamentos e se orientar acima de tudo pela sua ética e caráter. (PIRES, 2007).⁵

O editor Juca Varella explica que os critérios de edição fotográfica de *O Estado de S. Paulo* estão previstos nas diretrizes do *Grupo Estado* no Manual de Redação e são rígidos, principalmente, pelos preceitos éticos do exercício da função jornalística. “A edição tem como fundamento o exercício da cidadania, o interesse público, a pluralidade e a imparcialidade”⁶. Ele destaca que o manual aborda desde noções de direito de uso da imagem a regras que norteiam a profissão, “principalmente sob o ponto de vista ético e legal”.

Uma análise comparativa das imagens publicadas por ambos os jornais, no mesmo período (14 a 21 de maio de 2006) cobrindo os mesmos eventos (ataques do PCC), permite considerar que a *Folha de S. Paulo* utilizou imagens mais fortes, com maior apelo dramático, como por exemplo, as da capa do dia 15, que mostram um ônibus em chamas e uma mulher debruçada sobre um caixão (figura 1). Em sua edição do mesmo dia, *O Estado de S. Paulo* foi bem menos chocante e optou por mostrar como estavam as condições dos detentos dentro dos presídios (figura 5).

A *Folha*, em termos de criatividade, diversidade de imagens e linguagem fotográfica, explorou melhor o olhar de seus repórteres

⁵Toni Pires. Entrevista concedida por e-mail a Fernanda Campos em 28 de janeiro de 2007.

⁶Juca Varella. Entrevista concedida por e-mail a Fernanda Campos em 31 de janeiro de 2007.

fotográficos e a versatilidade de seus editores. Eles procuraram sair do “óbvio eficiente”, condenado pela crítica de fotografia Simonetta Persichetti, e buscaram representar sensações pelas quais, a população estava passando naquele momento. Uma imagem que exemplifica bem essa tentativa é a que foi publicada na página C3 do caderno *Cotidiano* do dia 20 de maio, que representava “o grito” (figura 4).

Independente do material editado, a política utilizada pelos dois jornais para a cobertura fotográfica dos ataques do PCC foi a mesma: colocar repórteres fotográficos nas ruas, em pontos estratégicos, em busca da melhor imagem, que pudesse informar e representar o fato para o leitor.

Toni Pires explica que a *Folha de S. Paulo* colocou profissionais nas ruas com o objetivo de observar o cotidiano da cidade e as transformações que os “fatos” estavam causando na sociedade. Mas houve profissionais que saíram da redação com pautas predefinidas e ficaram encarregados de montar plantão em determinados locais, acompanhar as *blitzen* das polícias e localizar familiares de vítimas. Com isso, explica Pires, o veículo tentou cercar-se de todas as informações possíveis para melhor noticiar os seus leitores.

No caso de *O Estado de S. Paulo*, o editor Juca Varella destacou alguns repórteres para saírem pautados da redação e outros, com mais liberdade de ação, para ir às ruas cobrir os acontecimentos e estar atentos a imprevisibilidades. Ele conta que, como as ondas de ataques ocorriam em locais diferentes, a estratégia adotada foi espalhar repórteres fotográficos por vários pontos da cidade, divididos por bairros ou regiões. Desta maneira, o deslocamento de algum deles para um local de ataque foi mais rápido. Também havia repórteres fotográficos constantemente de plantão no Campo de Marte, em uma empresa de táxi aéreo, com um helicóptero à disposição do jornal, e motoqueiros contratados para levá-los mais rapidamente aos locais dos ataques.

Em relação à predeterminação das pautas, Toni Pires explica que o profissional saiu da redação para fazer uma reportagem fotográfica

completa. “É obrigação dele mostrar os esforços das polícias em se proteger, mostrar as pessoas que não se preocuparam com o acontecido, os envolvidos direto, o medo na periferia, nas delegacias. Enfim ele sai orientado e pautado em buscar a notícia.”

Para o processo de edição, Toni Pires diz que a editoria de fotografia se orienta por uma série de fatores e critérios, além do diálogo constante com outras editorias do jornal. Assim, conforme vão chegando as apurações dos repórteres de texto, cruzam-se os dados e se define uma linha norteadora para a edição do material que deve ser publicado. Nesse processo – o da edição – é que pode ser percebida a intencionalidade de comunicação do veículo.

Na primeira página da *Folha* do dia 19 de maio (figura 2), por exemplo, a manchete e a fotografia se contradizem. Isso instiga o leitor a questionar, analisar os fatos e a postura do veículo diante de tal fato. Nesse caso, a imagem mostra um policial apontando uma arma para a cabeça de uma criança, enquanto a manchete anuncia “PM diz que não matou inocentes”. Ao olhar a fotografia, o leitor é induzido a pensar que a polícia é mentirosa. Só na legenda – dezenas de vezes menor que a manchete ou a imagem – é que a situação é esclarecida, pois ela informa que “Em meio a moradores da favela do Jardim Elba, policial dá cobertura a colegas durante ação que envolveu 400 homens”.

Percebe-se, ao observar a diagramação e o ângulo de tomada da fotografia, que a postura editorial da *Folha* não é favorável à Polícia Militar. Isso não ficou explícito, mas implícito. O jornal usou os recursos do planejamento gráfico e da fotografia para expressar de modo velado o seu modo de ver o fato. O uso desses recursos, por vezes, é tão eficiente que induz o leitor a pensar como o jornal. E, desse modo, ele se isenta de ser julgado como parcial ou tendencioso.

Pela análise das imagens, percebe-se que a postura adotada pelo *O Estado de S. Paulo* foi mais realista. O jornal abordou os fatos sem se utilizar da espetacularização das imagens. No que diz respeito às pautas ou à edição fotográfica, o editor Juca Varella afirma que no jornal não há predeterminação nas pautas ou direcionamento ideológico na edição.

O repórter fotográfico sai da redação para cobrir os fatos e fazer a intermediação entre a notícia e o leitor. Nunca saímos com uma TESE pré-estabelecida. Se houver pânico entre moradores, trabalhamos para mostrar isso aos leitores. Se há esforços ou erros da PM, da mesma forma nossa abordagem será neutra. Agimos como bons observadores, com certa passividade diante do fato. Não podemos interferir no andamento dos acontecimentos de forma alguma. Nossa função é reunir com a máxima precisão os elementos fundamentais da notícia através da fotografia e repassá-las ao leitor, sem sonegar ou adicionar informações sem comprovação. (VARELLA, 2007)⁷.

Considerações finais

Diante dos atentados do Primeiro Comando da Capital (PCC), os dois jornais tiveram a responsabilidade de cumprir sua função, a de informar seu leitor sobre os fatos ocorridos durante a semana de 14 a 21 de maio de 2006 – objeto de estudo deste artigo. A cobertura e a edição fotográfica foram realizadas de acordo com algumas regras do Manual de Redação de cada veículo, e também pela conduta ética e bom senso jornalístico de cada editor.

A *Folha de S. Paulo*, em alguns momentos, adotou a linha da espetacularização da imagem, chegando à margem do sensacionalismo. Por meio de planejamento gráfico, manchetes, legendas e imagens, em alguns casos, a *Folha* procurou induzir o leitor a pensar como o jornal. Em outros, ele o instigou a, a partir de suas referências, vivências e paradigmas, refletir sobre o fato, construir seu significado e formar sua opinião a respeito.

O *Estado de S. Paulo*, em alguns momentos, optou por informar o espectador de modo mais simplista, realista, neutro. Buscou imagens que retratassem os ataques e contextualizassem o leitor, englobando os

⁷Juca Varella. Entrevista concedida por e-mail a Fernanda Campos em 31 de janeiro de 2007.

envolvidos e mostrando um panorama da situação: ônibus incendiado, ruas vazias, detentos, presídios. Tudo apresentado de forma real, de maneira direta, sem procurar induzir o leitor a interpretações predeterminadas, com o uso dos recursos de edição como programação gráfica, manchetes, legendas e fotografias.

Referências

ACORSI, André Reinaldo; BONI, Paulo César. A margem de interpretação e a geração de sentido no fotojornalismo. **Líbero**, São Paulo, v.9, n.18, p.127-137, 2006.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução por Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus, 1993.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Tradução por Júlio Castañon. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico**: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo. 2000. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Tradução por Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real**. Rio de Janeiro: Renavan, 2002.

PERSICHETTI, Simonetta. A encruzilhada do fotojornalismo. **Discursos Fotográficos**. Londrina, v.2, n.2, p.179-190, 2006.